

II SIMPÓSIO  
DE ESTUDOS  
LINGÜÍSTICOS  
E LITERÁRIOS



LITERATURA, IDENTIDADE E  
DIFERENÇA CULTURAL

(COMUNICAÇÃO DE PESQUISA DE DISCENTES DO PROGRAMA)



# OS CAMINHOS SECRETOS DE UM CONTO DE BORGES

Maria Perla Araújo Morais\*

Percorrer um único caminho em uma narrativa de Jorge Luís Borges é constatar que ao longo do percurso podemos encontrar várias outras bifurcações que talvez nos revelem um outro milagre secreto além daquele que, inicialmente, pretendíamos alcançar. Mas, realmente, existirá algum milagre?

Se acaso existe algum, poderíamos dizer que ele se mascara sob a forma de um jogo que transforma qualquer argumento em um claro-enigma, um jogo que nos ameaça, mas também nos seduz.

Seduzidas e ameaçadas pelo labirinto lúdico e estético do escritor argentino decidimos trilhar um caminho em seu conto “O milagre secreto”: seguir o rastro dialógico deixado no texto. Nesse sentido, procuramos focalizar os interlocutores que a narrativa traz à cena (a História e o texto religioso) e debater o trabalho “crítico e criativo” que o escritor argentino empreende à partir de tais diálogos.

Nesse sentido, refletimos sobre as preocupações que norteiam a ficção contemporânea. Esta reivindica a validade do novo, do moderno contra todo um passado marcado pelo autoritarismo literário e acadêmico. Esse “novo”, “moderno” marca-se pela volta ao discursivo e por um exercício estético que não esquece as questões extra-literárias e o espírito crítico, mostrando-se desconfiada de discursos oficializados e de seu próprio discurso, assumindo a atitude de interrogar e de se interrogar.

É com esse trabalho produtor de sentido que nos deparamos ao atentarmos no conto “O milagre secreto” o seu entrelaçamento e diálogo com discursos extra-literários. Assim, coube a nós investigar a significação adicional, a bivocalidade especial, a diferença existente quando observa-se o diálogo entre textos, entre discursos. A voz adicional que ouvimos na narrativa,

---

\* Mestranda em Letras- Teoria da Literatura - UFJF.  
Orientadora: Profª Drª Terezinha Scher Pereira.

concluimos, está no resgate da subjetividade dos agentes históricos, aproximando o conto, nesse aspecto, ao discurso da pós-modernidade. Dessa maneira, é o drama do indivíduo como sujeito de sua história que o conto prioriza.

O resgate da subjetividade foi pensado em relação a uma história oficializada que insiste em transformar os sujeitos em meras estruturas objetivas da sociedade, esquecendo que é através de elementos de ordem subjetiva que os agentes históricos conferem sentido ao mundo.

Esses levantamentos foram debatidos, ainda, tendo em vista uma identidade específica - a judaica - que mostrou-se extremamente funcional no jogo abstrato de entrelaçamentos da narrativa.

Em relação ao discurso histórico, podemos dizer que há no texto uma caminho que se bifurca para a apreensão de dois momentos. O primeiro revisita uma situação específica da História Européia (a condição, até certo ponto codificada, do judeu na 2ª Guerra Mundial) e o segundo se pauta numa abertura para uma outra temporalidade que irrompe do texto como um questionamento da linearidade da versão autorizada: a história do judeu sob o crivo do indivíduo. Assim, visualizamos um movimento duplo que nos fez transitar pelas fronteiras dos esquecimentos e das lembranças e por discursos que nos revelam possíveis histórias ao lado daquelas autorizadas. Através dessas outras histórias podemos questionar o relato da História dita oficial.

Então, Borges opta por dialogar com esse momento específico porque é através dele que pode pôr em xeque sua validade, pode revelar o que ele esconde - nesse caso específico, o discurso do judeu, e mais, o discurso do judeu que se despe de um conhecimento codificado, pode iluminar e humanizar a existência. Assim, Borges é cúmplice daqueles escritores que escolhem a História como interlocutora, uma vez que o escritor compartilha com estes a idéia de que nenhuma outra realidade é capaz de contribuir tanto para que possamos iluminar nossa existência, quanto a realidade histórica.

Essa discussão, assim, além de nos proporcionar um debate sobre a questão identitária e as fronteiras da nação (no par judeu/indivíduo), nos fez refletir sobre os "limites narrativos" da História e da Ficção, enquanto formas discursivas, ou seja, enquanto construção precária de um real. Então, empreendemos uma reflexão que tentou buscar na representação discursiva a fonte para a precariedade das representações. Assim, discutimos sobre os componentes (por exemplo, de ordens ideológicas e contextuais) que residem nas construções, responsáveis por mergulhar qualquer discurso na esfera do provável e da relatividade.

Além disso, nos fixamos no aspecto suplementar presente nas narrativas ficcionais que tentam suprir uma falta do discurso histórico. Entretanto, essa reflexão foi conduzida, mais uma vez, para a questão da

“reinvenção do real” presente tanto na Ficção que requer um tempo para pensar o passado, quanto no discurso histórico. Desse modo, tanto a Ficção quanto a História têm problemas ao concretizar seus “limites narrativos”. Na escolha, ambas perdem outros discursos, aspectos, outros caminhos que só podem ser iluminados num processo cíclico de revisão, de reflexão crítica, numa busca que engendra sempre a suplementariedade.

No diálogo entre o texto ficcional e o texto religioso observamos que o trecho do Corão, que serve como epígrafe para o conto, foi “reproduzido em diferença” pela narrativa, já que Borges procurou ficcionalizar a inscrição mulçumana dando mais autonomia ao *eu* que sofre a ação, ao contrário do texto religioso. Nesse aspecto, mais uma vez o escritor proclama o “individual” como principal foco de interesse.

Além disso, nesse momento procuramos fixar nossa reflexão sobre as relações multiculturais que não se situam na esfera europeia, ou seja, sobre uma outra bifurcação labiríntica da História, a que explora um encontro (o judeu e um dado mulçumano) que suscita uma série de centramentos.

Observamos, então, que a escolha feita por Borges de um personagem judeu para seu conto revela uma atitude extremamente funcional, porque desse personagem ele pode sugerir múltiplos aspectos relacionais.

Nas bifurcações desse texto labiríntico o sujeito é privilegiado, o que secretamente contribui para que possamos “resgatar do passado uma outra história”, potencializada freqüentemente na escrita de Borges, mas silenciada na escrita da “suposta” realidade.

